FILIADAS DA COLÓNIA DE FÉRIAS DA M. P. F. EM VISEU
JUNTO AO CRUZEIRO DO CONVENTO DE ORGENS

Obra das Mãis pela Educação Nacional

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal n.º 8 — Telefone 46134 — Editora, Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Trav. da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

SUMARIO

N.º 41 = SETEMBRO =

BOLETIM MENSAL
Assinatura ao ano 12$00
Preço avulso . . . 1$00

Um punhado de areia...

PARECE-ME que não haverá ninguém que na praia não se tenha entretido a encher uma mão de areia e a deixar, esta, escorregar lentamente, como lentamente cai a areia duma ampulheta...

Gesto quási inconsciente, a maior parte das vezes, e que, no entanto, é o símbolo da nossa própria vida, que segundo a segundo, como as areias que nos fogem das mãos, vai desaparecendo!

Sem ruído, a areia escorre, num fio contínuo; assim a vida se esvai, sem darmos quási por isso...

Uma areia, que é?! Nada! E areia por areia, a mão fica vazia!

Um segundo, que é?! Nada! Mas sessenta segundos são um minuto, sessenta minutos uma hora, vinte e quatro horas um dia! E a vida, afinal, são breves dias, que acabam quási tão depressa como a areia que nos foge entre os dedos...

Nunca tinhas talvez pensado nisto, tu que agarrando num punhado de areia, te entretens a vê-la cair!

Repara bem. Cada areia que cai leva consigo um pouco da tua vida, porque arrasta com ela uma parcela do tempo que te é dado viver.

Aproveita a lição! Não desperdices o tempo, não deixes sumir-se num gesto inútil a riqueza que te foi confiada.

Uma areia não tem valor, mas o tempo é oiro — vale a tua eternidade!

Valoriza a tua vida com o trabalho. E agora que estás em férias para descansar, valoriza-a com a tua alegria e a tua bondade.

Alegra-te com tudo e com todos. E a tua alma, renovando-se na alegria, ficará mais sã e mais forte.

Mas pensa também na alegria dos outros e sê boa, como Deus é bom para ti!

Lembra-te que não é só a tua vida que foge: na ampulheta que encerra a vida dos teus avós, dos teus pais e até — quem sabe! — dos teus irmãos, talvez já não sejam muitas as areias que restam!

Não esperes que saiam as ultimas para lhes mostrares o amor que lhes tens.

A melhor hora para amar, sabes qual é? É esta. Amanhã já poderá ser tarde.

Vês? esvaziou-se ràpidamente o teu punhado de areia. Abres a mão. Não encontras nada.

É assim a vida!

Maria Joana Mendes Leal

Como a areia que cai, assim a vida se escôa...

Foto: MÁRIO NOVAIS

Colónia de Férias da M. P. F. em Viseu

VISEU, 22 de Agosto. — Dia da partida. Se há um sol tão brilhante, se o Céu jorra torrentes de luz, porque teimo em vêr uma névoa diáfana mas persistente a velar a paìsagem?

Há lágrimas que não envergonham. São dêste género as lágrimas onde baila a saüdade, a gratidão, a amizade...

Há árvores que se enraízam depressa e, no entanto, essas raizes são fortes, alastram, vivificam e avultam. Assim fomos nós. Pequeninas árvores transplantadas para um meio diferente, um meio quási de todo estranho, depressa aclimatámos e as raizes... ah, essas fala por elas a mágoa da partida. Mas... como foi tudo isto? Foi boa a impressão da chegada. Após uma viagem prolongada, extenuante, muita calma, muito carinho, recantos floridos a sorrir, num sorriso de boas vindas, em prometimentos de franca hospedagem...

Depois... dias passados, em convívio com a natureza, passeios diários para conhecimento dos lindos arredores de Viseu, manhãzinhas saboreadas em pleno campo e a seiva nova começou a correr, a fortificar as árvores pequeninas...

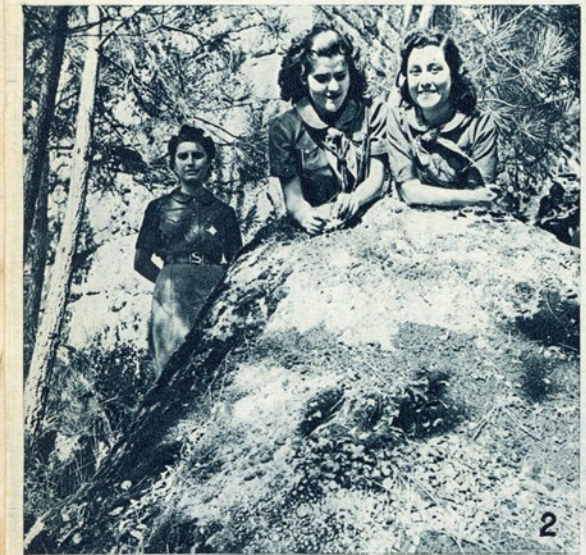
Vida de alegria — alegria reflexo da tranqüilidade interior.

Vida de repouso — repouso, merecida recompensa de um ano de trabalho.

Vida simultâneamente activa e calma. Preparação para lutar de novo, com mais fôrça, mais vontade, um Querer muito interior, muito profundo.

Traçam-se programas, programas arrojados a tocar os altos Ideais que vão para lá, ainda mais para cima dos elevados cumes dos montes que trepámos em nossos passeios.

Dia da partida — há lágrimas nos olhos, mas há caminhos traçados. Se êles forem rigorosamente palmilhados, foi boa a seiva que nos alimentou, serão excelentes os frutos produzidos e as flores descerão em caudal, bênção perfumada a cair sôbre a Colónia, sôbre as suas Dirigentes.

HORTENSE CÉSAR

1 — Um aspecto da casa onde está instalada a Colónia de Férias.

2 — Numa mata dos arredores de Viseu.

3 — Junto do Cruzeiro da ponte do Pavia.

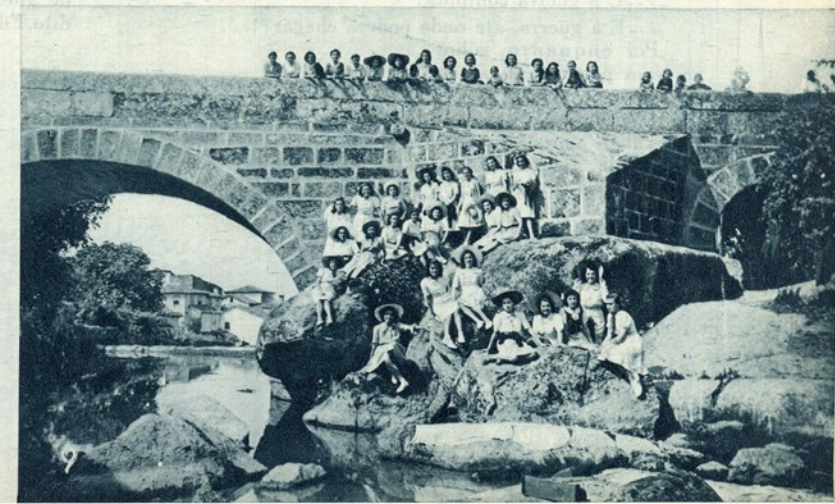
4 — De regresso dum passeio.

5 — Na festa da Colónia. Dansando o vira da Nazaré.

6 — Procurando lenha para o almôço no acampamento.

7 — Campismo. Preparativos para o almôço.

8 — Na festa da Colónia. Grupo que dansou a valsa.

9 — Em Vildemoinhos, nas margens do Pavia.

Nossa Senhora das Dores libertai o mundo da dor da guerra!

Em romagem aos Cruzeiros

1 de Setembro de 1939. Já lá vão três anos.

...E a guerra continua!

Como uma nódoa de sangue que alastra, a guerra tem-se estendido quási ao mundo inteiro.

E a capacidade da dor torna-se quási infinita, porque cada homem que cai nos campos de batalha, é uma dor multiplicada por mil dores!

...E a guerra continua!

Como um ciclone devastador, que na sua passagem só deixa ruínas, a guerra tem espalhado a desolação sôbre a face da terra.

Desmoronam-se os lares e as mais santas alegrias andam, como folhas mortas, em turbilhões de poeira.

...E a guerra continua!

...E a guerra, até onde poderá chegar?!...

Por enquanto, sôbre a terra portuguesa, ainda não passou o negro corcel do Apocalipse.

Talvez porque os Cruzeiros da Independência, que a nossa fé ergueu, nos guardam.

Talvez porque Maria, que em Fátima desceu há 25 anos, pede por Portugal junto dêsses Cruzeiros.

E o Senhor, vendo-a ali, "dolorosa e lacrimosa como junto à Cruz donde pendia o seu Filho", tem-nos poupado, atendendo às suas dores e ás suas lágrimas.

Filiadas da *Mocidade!* Os Cruzeiros que se ergueram em Portugal não foram construídos só com pedras: teem por base a nossa confiança e cimentou-os o nosso amor.

Pelo alto das serras, em altares de tojos e urgueiras, lançando o seu grito de fé junto ao mar, como o nosso Cruzeiro no Cabo da Roca, ou levantados no próprio coração das aldeias, os Cruzeiros de Portugal teem sido a nossa defesa e continuam a ser a nossa esperança.

Filiadas da *Mocidade!* Vamos em romagem ao nosso Cruzeiro no Cabo da Roca, neste mês em que a St.ª Igreja comemora as dores de Maria, para lhe pedirmos, por essa espada que atravessou o seu Coração — e que neste tempo de guerra lhe deve doer tanto — que implore de seu bemdito Filho o fim da guerra e a conservação da paz em Portugal. Todos os homens são seus filhos.

No Calvário, Ela, "a piedosa Mãi, gemia e chorava, sentindo as penas do Divino Filho"; também as nossas penas não podem ser-lhe indiferentes.

E como estamos em férias e poucas poderemos ir ao Cabo da Roca, vamos a outros Cruzeiros, deixar aos seus pés as nossas orações e um braçado de flores: por Portugal e pela paz do mundo!

Um Cruzeiro no coração duma aldeia

Foto: DR. JOSÉ MARTINS BARATA

Carta às Instrutoras de E. F. na despedida

Grupo de Instrutoras que estiveram hospedadas no Colégio do Sagrado Coração de Maria (Centro n.º 16, de Lisboa)

Partida, debandada! Tanto de nós que por Lisboa fica! Há caras tristes, lágrimas de saüdade, mas vibra em unísono o sentir de tôdas nós. E é barulhento êste sentir, faz-se adivinhar, grita num olhar que é apêlo e deixa transparecer a alegria do triunfo: vencemos, venceremos!

A nossa vida teve talvez agruras, já não sei bem, só me lembro que cada uma de nós encontrou em cada uma das outras, uma amiga, uma camarada, quási uma irmã. Tenho a impressão de que só passei momentos alegres, e a visão, um pouco longínqua, de que apenas o cansaço físico nos impediu, às vezes, que fôssemos mais expansivamente alegres e nos tornou um pouco rabujentas. Recordo o dia da chegada. Na minha frente, uma interrogação; em mim a vontade firme de lutar.

Cheguei à noite, hora de escuridão e quietude; não sei porquê, tive a sensação de que desaparecera a interrogação: senti-me amparada por Deus, vislumbrei uma certeza num caminho quási desconhecido que se me abria.

Depois um colégio, um dormitório grande, arejado, em tudo um ar acolhedor, a vida em comum, as aulas, emfim, a nossa vida como alunas do curso de Instrutoras de Educação Física da M. P. F. que começava a absorver-nos. Lembra-se, amiguinha escalabitana, de ter tentado fazer duma coluna do quarto corda de treino em subida vertical com o entusiasmo de quem é principiante?!

A sua aflição, agarrada a meio da coluna sem saber como descer e sem poder subir mais, era digna de Kodak! Não esquecerei, amiguinha de Castelo-Branco, um bailado exótico que uma bela noite nos lembrámos de fazer no quarto, passada há muito a hora do silêncio... Por um triz eramos surpreendidas pela nossa querida Madre Superiora. Se vissem no dia seguinte a cara que me fez quando eu declarei ter sido uma das bailarinas, eu que tinha ainda a fama de menina socegadinha!...

Portuense, que engraçadó grupo formávamos. Havia de tudo: quem gostasse de comandar (e eram logo duas durante o dia e outra à noite, não admira que fôssem tão boas as vossas notas nesta disciplina, com um treino dêstes cotidiano...); havia quem gostasse de cantar; quem passasse as horas vagas a pedir: «contem-me uma fita de cinema ou, ao menos, uma história desde que seja maravilhosa»; havia quem se levantasse cedinho para chegar atrasada e quem se levantasse à última hora, mesmo, mesmo, e afinal se aprontasse primeiro; havia quem tivesse a mania dos cactos e era vêr a sua aflição, agora de regresso, se a bagagem era já tanta que mais parecia ir mudar de casa!; havia quem não perdesse uma boa soneca de sesta e quem preferisse sentar-se numa cadeira contemplando gulosamente a cama, mas sem coragem para a desmanchar (e eram lindas, na verdade, as nossas camas, amarelinhas, com colchas da mesma côr, com uma orla verdinha igual aos biombos); havia até quem tivesse como principal característica ser refilona e por isso muitas vezes tivesse sido alvejada pela veia poética das companheiras. Mas havia duas características comuns: ser apressada e barulhenta (o que nos valeu ter de mudar de dormitório, o primitivo ficava por cima da linda capelinha que por nossa causa nunca estava em socêgo). Não perdemos com a troca, é certo, o nosso lindo quarto tinha lindíssimas vistas sôbre a capital e o Tejo, mas custou-nos a conformar com os 20 degraus a mais que daí em diante tivemos de subir até chegar aos nossos encantadores aposentos, cujas janelas com os vasinhos de cactos e as floridas jarras, lhe davam um aspecto tam discretamente feminino.

Lisboetas, ao menos vocês continuarão, a partir de Outubro, a ouvir a voz número um do nosso curso, voz que sempre nos guiará e dará firmeza: «A' frente, marche». Que saüdades das nossas aulas de ginástica que nos deixavam às vezes esgotadas de fôrça física, mas sempre delas saíamos bem dispostas e confiantes. E que bem empregados os intervalos destas aulas, gastos a cantar. O nosso reportório musical ascendia a umas 30 canções, autênticas do nosso cancioneiro popular ou de compositores nossos, mas sempre e só canções sãs que poderemos sem receio e deveremos ensinar ás nossas filiadas para que Portugal cante, mas cante o que é verdadeiramente seu.

Qual de nós poderá esquecer as aulas de anatomia, terror da maioria de nós!... Quantas horas passadas na sala de ciências naturais olhando para os ossos ou repetindo sempre: «Os nervos podem ser: sensitivos...; os músculos inspiradores são: esteino-chido-mastoideu...» — «E se alguém nos surpreende aqui a estas horas!» — «Sou capaz de ter mêdo de voltar ao dormitório!» — «Tensão arterial é a resistência...» — «Meu Deus, vou sonhar de noite com isto!» Como tudo passou tam depressa, não acha inesquecível amiguinha bracarense?

A união faz a fôrça, foi a fôrça da união que nos levou à vitória desta etapa, será esta fôrça apanágio nosso na acção de Instrutoras que hoje empreendemos.

Como será bom caminharmos sempre unidas, cumprindo garbosamente a nossa missão de apostolado. E de tudo isto alguma coisa mais ficou na nossa vida do que saüdade, saüdade que só quem viveu sentirá e compreenderá, ficou-nos sempre e de cada vez mais a certeza da nossa vitória final, se à nossa causa quisermos dar o melhor da nossa vida e do nosso entusiasmo do qual não duvidamos.

Para tôdas um abraço, pois nele cabem bem todas vós: Braga, Porto, Castelo-Branco, Santarém, Lisboa.

Da vossa muito amiga

Mécia de Freitas Leça

No grande e alegre dormitório que era a sua **casa**

Preparando as lições de anatomia — a aula que tirava o sono...

Lavrando a terra

Sacha do milho

Monda

Esfolhada

O PÃO NOSSO DE CADA DIA

O pão que tu comes. Avalias o trabalho que êle custou? Já pensaste quantos braços se cansaram para que te não falte o pão de cada dia que te faz viver?

A solidariedade humana não é apenas uma palavra; é uma realidade. Para que tu comas um simples bocadinho de pão, é necessário o esfôrço de muitos irmãos teus. Mais; é preciso que o Pai que está nos céus preste a sua colaboração aos que trabalham para ti: pois é o homem que semeia, mas é Deus que faz germinar a semente, crescer a planta e amadurecer o grão... Sê agradecida e humilde. Considera-te devedora de todos os homens; dum modo ou doutro, a cada um deves alguma coisa. E não te esqueças nunca, depois das tuas refeições, de dar graças a Deus! Sê agradecida e generosa. O pão da tua mesa deves reparti-lo com aqueles que o não têm.

E lembra-te que o pão se não deve comer na ociosidade. Trabalha. Sê útil. Há muitos modos de trabalhar e a cada pessoa cabe a sua tarefa.

Não é o teu destino pegar no arado? Mas poderás lavrar a terra inculta das almas. Não te põe Deus na mão um sacho? A vassoura, a agulha e a pena também são instrumentos de trabalho. Não tens que andar ao sol a mondar o milho? Mas terás que arrancar da tua própria alma tanta erva daninha que ameaça a colheita.

E se é bem provável que nunca esfolhes uma espiga e não conheças a alegria de descobrir «milho rei», poderás fazer do teu trabalho uma alegre «esfolhada» a cantar! Também não nasceste, talvez, para erguer o milho sôbre a eira ou sôbre as mantas estendidas ao sol. Mas quem sabe se não precisarás de passar pelo crivo, erguendo ao alto e ao vento as tuas afeições e as tuas obras, mais cheias de impurezas que o milho?

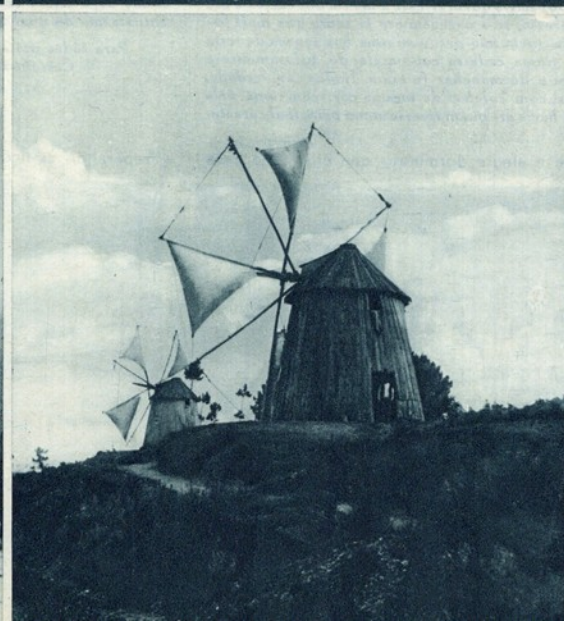
E não és moleira, eu bem sei... Mas todos nós temos o dever de moer pão para os outros.

E quantas vezes êsse «pão» tem de ser moido nas mós do moinho do nosso próprio coração, à custa de muitos sacrifícios!

Mas tudo se dá por bem empregado, quando o nosso trabalho se transforma em vida e alegria para os outros: como a padeira, cosamos a nossa «fornada» todos os dias, para que à nossa roda ninguém tenha fome — e nem só de pão se tem fome!

Pode-se ter fome de' amor, de bondade, de verdade, de alegria...

COCCINELLE

Erguendo o milho — Moinhos — Moleiros

Padeira aldeã

NOTÍCIAS DA M.P.F.

1 e 2 — Portimão: No campo de jogos onde as filiadas da M. P. F. brincam e jogam uma vez por semana

LAGOS

Quási tôdas as filiadas têm sabido cumprir com a sua obrigação e merecem a nossa estima e louvor, pois quer se trate de obras de caridade, quer de assuntos religiosos ou qualquer trabalho para que se peça a sua coadjuvação, estão sempre prontas a auxiliar-nos. De Outubro de 1941, até hoje, tenho assinalados factos que provam bem o que digo.

No fim de Outubro de 1941, logo no começo do ano escolar, as filiadas do Centro n.º 1, ofereceram um jantar, por elas feito, a 24 pobres, 12 adultos, sendo 6 homens e 6 mulheres, e 12 crianças também dos dois sexos.

Confeccionaram com lãs que a Sub-Delegacia lhes forneceu, chales pequenos de malha para vèlhinhas e camisolas para velhitos.

Abriram uma subscrição entre si, para todos os meses oferecerem uma pequena verba a uma vèlhinha que sabiam necessitada.

A pedido da sua Directora do Centro e particularmente, fizeram com explêndida boa vontade e entusiasmo e acompanhadas da mesma Senhora o peditório para os tuberculosos, e, segundo essa Senhora me disse, só teve dificuldade em convencer parte das raparigas, que havendo bastantes senhoras convidadas, elas não podiam ir tôdas acompanhá-la e que portanto escolhessem as que deviam ir.

Também tomaram a iniciativa de fazerem a novena a Nossa Senhora da Conceição que acompanharam a cânticos e no dia do encerramento (dia 8), com o auxílio do Rev. Pároco de S. Sebastião que é o seu professor de moral, levaram a efeito uma procissão em volta do templo, levando as raparigas um andor com uma pequena imagem de Nossa Senhora.

Em conjunto com as filiadas dos outros 4 Centros, há a mencionar: Acompanhamento a cânticos, das missas do dia 1 de Dezembro e do dia 8 do mesmo mês.

No dia 8 recordaram as suas mães duma forma comovente, oferecendo-lhe estampas religiosas e um ramalhete espiritual.

Enfeitaram 4 berços e fizeram os seus enxovais completos, tendo um dêsses berços ido à Exposição de Lisboa.

Levaram a efeito com um trabalho extenuante, mas sempre com a melhor boa vontade, duas récitas, com o fim da Sub-Delegacia poder dar fardamentos a 12 filiadas pobrezinhas.

Tomaram parte nas procissões de sexta-feira Santa, domingo de Páscoa e das velas na ocasião em que Nossa Senhora foi a Lisboa, com a maior compostura possível e deixando em tôdas as pessoas que as viram uma explêndida impressão.

Maria José Baratta Formosinho
Sub-Delegada Regional da M. P. F.

3, 4, 5 e 6 — Lagos: Grupos de filiadas da M. P. F. Algumas fotografias foram tiradas em passeios à beira-mar

PORTIMÃO

Estão divididas por dois Centros, as filiadas da M. P. F. a cargo desta Sub-Delegacia. No Centro n.º 1, estão inscritas 49 filiadas, em parte alunas do liceu municipal Infante de Sagres

e em parte extra-escolares. No Centro n.º 2, estão inscritas 277 filiadas, na sua totalidade alunas das escolas primárias oficiais.

Se atendermos a que trabalhamos num meio moralmente pobre, estes números não são de todo desanimadores, embora não possam dar ideia da persuação, actividade e persistência que teem sido necessárias para atrair e manter este número de inscrições.

Devemos porém acrescentar que, de um modo geral, a acção da M. P. F. tem sido por todos bem compreendida, tendo até mesmo por parte de muitos tido caloroso acolhimento e prestimosa dedicação.

CENTRO N.º 1

Educação física: — *Foi ministrada em lições semanais, em vários turnos, às quartas-feiras, regidas pela respectiva instrutora, e em jogos culturais, praticados ao ar livre, no campo de jogos de um dos clubs desportivos desta cidade, que durante uma hora, às sextas feiras, é posto exclusivamente à nossa disposição, jogos em que tomam parte filiadas, instrutoras e dirigentes.*

Tôdas as filiadas freqüentam com o maior interêsse e grande entusiasmo êste curso, que para tôdas constitui um verdadeiro prazer.

Quando o tempo o permite, êste programa é completado com um passeio pelo campo ou pela praia, nos sabados à tarde, às vezes com lanches preparados no local.

Educação moral e religiosa: — *Os temas de moral, directamente recebidos do Comissariado, são lidos e explicados numa aula semanal, onde as filiadas por sua vez resumem por escrito o assunto do tema.*

A Sub-Delegacia subvenciona uma missa aos Domingos, expressamente rezada para as suas filiadas, a que assistem não só as filiadas e dirigentes, mas também os filiados da M. P. M., a convite desta Sub-Delegacia, ocupando cada grupo alas separadas.

Durante esta missa, o Rev. Prior explica o significado de cada um dos actos do Santo Sacrifício e rezam todos em côro as orações do ritual.

Foram ainda realizadas duas festas religiosas, uma em 1 e outra em 8 de Dezembro, constando de missa solene cantada pelas filiadas e comunhão geral, a que assistiram as autoridades concelhias e entidades oficiais, sendo também no dia 8 lida, pela Chefe de Castelo, a consagração das filiadas a Nossa Senhora.

Este curso de educação moral mereceu especial atenção desta Sub-Delegacia, tendo-se, além dos deveres acima descritos, aproveitado tôdas as oportunidades para fazer incutir no espírito das filiadas o amor da virtude e da religião, servindo para isso tôdas as ocasiões oferecidas, desde a simples prática de uma esmola até ao conceito individual, procurando-se pela palavra e pelo exemplo infundir nelas uma sólida noção de moral cristã.

Educação doméstica: — *Foi ministrada como é do programa, em aulas de trabalhos manuais e aulas de economia doméstica. A parte referente aos trabalhos manuais compreendeu lições de corte, costura, bordados, rendas, desenho e pintura. Também o aproveitamento neste ramo de educação foi excelente, tendo-se feito, entre muitos outros trabalhos, 2 enxovais para recem-nascidos, não contando com mais outro enxoval e uma vintena de outros trabalhos enviados para a exposição do C. N.*

A maior parte dêstes trabalhos foram confeccionados com artigos fornecidos a expensas das próprias filiadas.

No tocante a economia doméstica, por falta de instalação apropriada, foram os trabalhos limitados a lições teóricas, tão completas quanto possível, a-dentro de assuntos da maior utilidade e de aplicação imediata.

Educação geral: — *Fizeram parte dêste ramo de educação, lições de francês em curso ministradas uma vez por semana; lições de higiene geral, também semanais; uma sessão solene em 8 de Dezembro em que além de palestras proferidas por algumas dirigentes, houve recitações pelas filiadas, leitura de algumas cartas de filiadas para suas mães, entrega de enxovais a familias necessitadas, depois de estes e outros trabalhos terem estado em exposição na tarde do Domingo anterior.*

6

Promoveram-se também duas sessões cinematográficas, com a projecção de filmes criteriosamente escolhidos, cuja receita serviu em parte para custear as despesas desta Sub-Delegacia.

CENTRO N.º 2

A acção desta Sub-Delegacia, foi aqui perfeitamente paralela à desenvolvida no Centro n.º 1, tendo em conta a menor idade destas filiadas e o seu elevado número (227 filiadas).

Maria Camila de Bragança Malheiro e Silva

Sub-Delegada Regional Adjunta da M. P. F.

MONCHIQUE

Segundo as instruções recebidas, as filiadas assistiram à missa no 1.º de Dezembro e festejaram o «dia da Mãe» assistindo à missa na igreja paroquial; durante êste acto litúrgico entoaram as filiadas cânticos próprios.

A' tarde realizou-se uma sessão no cinema desta vila que abriu com o hino da Mocidade e constou duma pequena palestra por uma das filiadas e duma conferência pela Ex.ma Senhora D. Mariana Santos Patricio, Dig.ma dirigente da Ala de Portimão, a qual enalteceu de forma brilhante, mas à altura de ser compreendida pelas inteligências infantis, a nobre missão de Mãe.

Foram distribuidos enxovais confeccionados nos 3 Centros, escolhendo-se para serem contempladas as familias mais numerosas que foi possivel encontrar entre 9 e 11 filhos.

Na parte final as filiadas recitaram algumas poesias e entoaram coros, terminando esta pequena festa, que a todos deixou boa impressão, pelo hino Nacional.

Os 3 Centros fizeram um magusto de confraternização, que decorreu num ambiente de muita alegria e verdadeira camaradagem entre as filiadas e dirigentes.

Ana Paula Goes Vaz de Mascarenhas Garcia

Sub-Delegada Regional

NOTA: Por falta de espaço, as outras notícias do Algarve serão publicadas no próximo número.

7 — **Monchique:** Grupo de filiadas da M. P. F. num passeio pelo campo

7

Foto: CONDESSA DE PENHA GARCIA

Foi no Minho que se iniciou a cultura da batata em Portugal

AS BATATAS

(A SUA HISTÓRIA)

ESTAMOS em Setembro e em muitas das nossas províncias em plena azáfama da colheita da batata. Por isso vos venho falar da sua história.

As batatas tomaram agora tanta importância que tudo que se refira a elas interessa. São muito desejadas na nossa economia doméstica, onde ocupam logar de destaque... No resto da Europa, não só são desejadas mas ambicionadas com ânsia e pagas, quando as há, a pêso de oiro. Em Portugal, graças aos nossos bons agricultores, que não se poupam a canseiras e despesas, vamos tendo as necessàrias, e, se às vezes têm faltado, é só por dias.

Na Idade Média a Europa conhecia amiudadas vezes «a fome», que ceifava em poucos meses milhares de vítimas. Bastava um ano ter havido má colheita de cereais para determinar uma dessas grandes desgraças. Dizem que essa calamidade, que colectivamente deixou de existir em tempos de paz, desapareceu graças ao desenvolvimento da cultura da batata. Esta, é de origem americana, encontrando-se variedades «selvagens» nas cordilheiras dos Andes e no Perú, sendo ainda procuradas pelos cientistas para os seus estudos.

Julga-se que foram os espanhóis que em 1570-80, a seguir à conquista dêste país, a trouxeram para a Europa. Mas parece que foi cultivada pela primeira vez, para consumo em Itália, por Vicenzo Dandolo, tendo daí passado aos países da Europa Central, Irlanda e França.

Os inglêses negam essa origem e asseguram que o introdutor da batata foi Dracke, que em 1525 a levou para Inglaterra. Em 1625 teria sido Rabeigh que a levou para a Irlanda, onde se propagou de tal maneira que se tornou a principal cultura dessa ilha. As batatas irlandesas são conhecidas pela sua excelência. E' sabido que foi o farmaceutico Parmentier quem, em 1769, conseguiu, com o apoio de Luiz XVI, que a batata fôsse cultivada em França para o alimento do homem, pois que, já existindo antes dessa data nesse país, só era aproveitada para engordar os porcos. O seu consumo aumentou de tal forma que em 1796 já se cultivavam 35.000 hectares dêsse tubérculo.

Dizem os Eng.-Agrónomos Francisco Aranha e Luiz Quartim Graça no seu livro, tão interessante, sôbre a batata, que foi introduzida em Portugal pouco antes de 1760, tendo-se generalizado ràpidamente. Cabe a Traz-os-Montes a «honra» de ter sido a primeira província portuguesa a cultivá-la.

Foi D. Teresa de Sousa Maciel, mãi do 1.º Visconde de Vilarinho de São Romão, que a introduziu nas suas propriedades, tendo sido por êsse motivo premiada com a medalha de ouro da Academia Real das Ciências.

O documento em que a Academia lhe confere essa distinção resa assim;

«Em atenção a ter D. Teresa Luísa de Sousa Maciel colhido para cima de 400 alqueires de batata em terreno então inculto, em sítio de Vilarinho de São Romão, onde fôra a primeira a introduzir êste ramo de agricultura; a ter descoberto um modo prático de conservar a batata, sem corrupção nem deterioramento; a ter achado e extraído dela uma excelente goma, etc., etc., houve por bem a Academia distingui-la extraordinàriamente, conferindo-lhe em prémio uma medalha de ouro no valor de 50 mil réis».

Custa-nos a crer, agora que já ninguém pensa em «viver» sem comer batatas, que há pouco mais de século e meio ainda não eram conhecidas na nossa terra!

Sinto-me vaidosíssima ao pensar que foi uma senhora que compreendeu o grande alcance que a sua cultura podia ter na agricultura e vida portuguesa!

FRANCISCA DE ASSIS

TRABALHOS DE MAOS

GUARDANAPOS DE CRIANÇA

Os trabalhos de férias devem ser trabalhos simples, em que se pega e se larga com facilidade, e que caibam dentro da saca que se leva para o campo ou para a praia. Estes guardanapos de criança, feitos em ponto de cruz, estão no caso.

Os motivos, repetidos, poderão ter outras aplicações: cercadura dum naperon, toalha de chá, etc.

PÁGINA DAS LUSITAS

DEUS NÃO DORME

(Conclusão)

E alguns meses depois da vinda do Tio Guilherme a Lisboa chegou o engenheiro Paulo de Oliveira, de avião, do Brasil, enchendo de felicidade a casa das senhoras Cabraes! Passadas muitas semanas, tendo Maria da Luz saído do colégio para mais se dedicar ao seu querido Pai, estavam uma tarde conversando à hora do chá.

D. AUGUSTA — Queridinha, lembrei-me duma coisa que talvez te dê gôsto: que arranjássemos uma festasinha em que convidasses as tuas amigas do colégio e as apresentasses ao teu Pai.

MARIA DA LUZ *(radiante)* — Quem me dera, Tia Augusta!

D. ERMELINDA — Contanto que não venha a tal peste da Carolina...

PAULO DE OLIVEIRA *(admirado)* — Quem é essa menina que se não deve convidar?

MARIA DA LUZ *(séria)* — Não vale a pena falarmos dela, Paisinho: ela saiu já do colégio.

D. AUGUSTA — Então queres dar um chá dançante ao rancho todo, Luzita?

MARIA DA LUZ — A idéia é esplêndida; mas que trabalho para as Tias e que despesa!

PAULO D'OLIVEIRA *(sorrindo)* — A despesa é o menos, contanto que te dê alegria. Não é assim, minhas senhoras?

D. AUGUSTA — Fica então resolvido.

D. ERMELINDA — Mas se são só as amigas da Luzita com quem dançam? Umas com as outras? Que pares terão elas?

MARIA DA LUZ — Quási tôdas têm irmãos e primos, Tia Linda; se quizerem, convidam-se também. E querem saber uma coisa? — acrescentou.

AS SENHORAS CABRAES *(ao mesmo tempo)* — O que é, filha?

MARIA DA LUZ *(timidamente)* — Gostava de convidar... também...

D. AUGUSTA *(admirada)* — Quem, meu amor?!

D. ERMELINDA — Temos segrêdo, jóia?!

MARIA DA LUZ — São capazes de não querer...

PAULO D'OLIVEIRA *(intrigado)* — Olha que me estás tornando curioso a valer!

MARIA DA LUZ — Pronto, vou dizer: gostava, sim, de convidar... a Carolina!

D. ERMELINDA *(indignada)* — Uma ladra, nem mais!

D. AUGUSTA *(grave)* — És boa, Maria da Luz: far-te-emos a vontade. Já que perdoaste à Carolina a sua deslealdade, convida-a e esquece tudo o que se passou, minha filha!...

. . . .

E a divertida festa realizou-se d'ali a dias, num ambiente de despreocupada alegria. Ao som dum belo terceto a mocidade dansou cheia de animação, depois de terem quási esvasiado os pratos de croquettes, sandwichs e bolos deliciosos de que as boas senhoras Cabraes tinham sido pródigas!

Carolina, arrependida e envergonhada, viera também; e Maria da Luz abraçara-a com sincera efusão, na alegria em que estava de poder perdoar!...

À noite, acabada a festa, a sós na sala com o pai, as duas senhoras e o

E a divertida festa realizou-se daí a dias...

querido tio Guilherme, trocaram impressões sôbre aquela tarde alegre.

PAULO D'OLIVEIRA *(abraçando a filha)* — Gostaste da tua festasinha, Luz?

MARIA DA LUZ *(pensativa)* — Imenso, Paisinho! E quando penso que há poucos anos eu era, ou julgava ser, uma órfã desconhecida de todos e olhada com desprêso no colégio...

D. ERMELINDA *(beijando-a)* — Deus

olhou sempre por ti, filhinha. E deu-te o maior tesouro que podia dar-te: um coração leal e bondoso.

DR. ALMEIDA — Como tudo se arranjou na tua vida, Luz: é bem certo que...

D. AUGUSTA — Deus não dorme!

EPÍLOGO

Maria da Luz foi viver com o pai numa linda casa que êle comprou; mas raro era o dia em que não ia ver as queridas tias ou que as senhoras Cabraes não iam vê-la. Combinou-se, depois, uma estada na Beira Baixa, em casa do tio Guilherme. E quando chegou aos dezoito anos foi pedida em casamento por um primo, grande lavrador beirão, formado em Direito, que se apaixonou por ela e que conseguiu agradar-lhe também.

Um belo dia houve uma novidade espantosa em casa das senhoras Cabraes: o tio Guilherme pediu D. Ermelinda em casamento! E a felicidade da boa senhora foi tão grande que parecia rejuvenescida de muitos anos!

NOTA DA AUTORA:

Vamos começar no próximo número uma nova história chamada:

O SEGRÊDO DE CLARINHA

ERA UMA VEZ...

A Avó e a Neta

(Diálogo para recitar em família)

A Avó está vestida à 1850, de saia de balão, bordando num bastidor; a neta entra correndo.

A NETA

Minha Avó, minha Avòsinha
Eu já não quero estudar!

AVÓ (parando de bordar)

Mas porquê, minha nètinha?
Então só quere preguiçar?!

NETA

Aborrece-me aprender
E detesto a costura!
Nem já gosto da leitura
E só me apetece correr!

AVÓ (indignada)

O que me diz, filha minha?!
O que me está a dizer?!!

NETA (abraçando-a)

Não se zangue, oh Avòsinha
Olhe que aprendi a ler!

por Maria Paula de Azevedo

AVÓ (com energia)

Isso é pouco, quási nada!
P'ra ser senhora a valer
Muito mais tem que saber
Uma menina educada!

NETA (categórica)

Olhe, Avó, digo-lhe já
A razão do meu pensar.

AVÓ (admirada)

Mas que razão haverá?
O que estará a sonhar?

NETA (confidencial)

Uma noite, há muitos anos.
Contou-me a Mãe uma história
(E ficou-me na memória)
Foi a mim e foi aos manos.

AVÓ (curiosa)

Mas que história será essa
Que a não deixa estudar?!

NETA (sorrindo)

Oh Avó não tenha pressa
Tudo eu lhe vou contar. (senta-se)

AVÓ

Confesso, minha nétinha
Que estou com curiosidade!

NETA

Pois vai ouvir, Avósinha
E olhe que tudo é verdade!
Contou-me então a Mãesinha
Que havia uma certa fada
Dona de uma varinha
Que de condão foi chamada.

AVÓ (rindo)

Isso, é tudo brincadeira
Nessa história poude crêr?!

NETA (zangada)

Pois julgueia-a verdadeira
E nunca a pude esquecer.
Dizia então a Mãesinha
Que essa fada com a varinha.
A varinha de condão...

AVÓ (rindo)

Estou espantada, realmente,
Que isso fôsse acreditar!

NETA (zangada)

A Mãesinha nunca mente!
E era a Mãe a contar.

AVÓ (troçando)

E o que fazia essa fada
Com a varinha na mão?
Estou a ouvir espantada
Com tôda a minha atenção!

NETA (com fôrça)

Dava tino às toleironas,
Formosura às horrorosas!
E ficavam sabichonas
As pessoas preguiçosas!!

AVÓ

Valha Deus, oh minha neta,
Nada disso há na vida.
Quererá ficar pateta.
E nunca ser instruida?!

Oiça bem, querida nétinha,
Dê tôda a sua atenção:
As coisas como elas são
Vai mostrar sua Avósinha!

Para tudo bem cumprir
Nosso Senhor quiz-nos dar:
Coração para sentir
Cabeça para pensar

Deu-nos Mãos para trabalhar
Alma para entender
Vontade para estudar
E consciência para o Dever!

NETA (cismática)

Mas então... agora vejo
Que há em nós as próprias fadas
A Vontade, o Desejo
De ficar bem educadas!

AVÓ (abraçada à neta)

Dêmos graças ao Senhor
P'los dons que nos concedeu:
Mostremos-lhe gratidão!
E de alma agradecida
Em busca da Perfeição
Vivamos a nossa vida!

Carta às Lusitas

Queridas!

Sei que muitas de vocês estão na praia: e como gostam de ver os barcos à vela no mar azul! e de andar descalças na areia fina a deixar o mar vir lamber-lhes os pés e de sentir o ar fresco e salgado bater-lhes na cara...

Mas outras estão no campo, onde se divertem a ver galinhas, e patos, e ganços, e vacas, e bezerrinhos, e cabritos e borreguinhos... Quer na praia, quer no campo, há sempre coisas interessantes e divertidas para uma Lusita; a questão é descobrir, com olhos espertos, essas coisas, e observá-las bem. Como eu tenho estado e estou no campo, rodeada de crianças, de árvores, de flores, de animais, tenho gozado a valer! E quando oiço dizer que há quem não aprecie a vida campestre, simples, calma e sã, fico admirada! Tôdas as manhãs vou visitar as capoeiras e os recreios dos frangos: largo espaço da terra cavada, com um abrigo feito de cedros muito verdes onde êles se instalam à hora do sol. A' tardinha, quando são horas de recolherem, é vê-los todos à porta do recreio, em monte, numa impaciência que a princípio julguei ser... fome. Mas qual! já tinham comido a ração da tarde; não queriam comer. E mal a galinheira lhes abriu a cancela, pareciam doidos! Corriam, voavam num bando louco, para a sua capoeira: sem se enganarem na porta, sem uma hesitação, radiantes e ansiosos a instalar-se na sua casa. A família dos gansos é muito engraçada também. Quando se lhes abre a porta, saem na seguinte ordem: o pai-ganço à frente, com as grandes asas bem abertas, os gansinhos a um e um; e atrás de todos, fechando o cortejo, a mãe-gansa estendendo a cabeça para a direita e para a esquerda, com o bico aberto, pronta a morder quem se aproximar: receiosa, coitada, de que lhe roubem os filhos.

Nas lindas tardes de verão, sôbre os fios eléctricos, pousam as andorinhas em fila. Com o sol pôsto a brilhar nos seus peitos claros, elas ali estão a ciciar umas para as outras, a alizar as asas, a virar as cabecinhas, a levantar vôos curtos em circulo, para apanhar os insectos que vôam. Não é tudo isto interessante, queridas Lusitas? E não se sente, por tôda a parte, a obra de Deus, a Vida, o Amor, a Felicidade, a Alegria? Queridas Lusitas, queridas Amiguinhas que tendes olhos para ver, coração para sentir, inteligência para compreender, procurai sempre, na vida que vos rodeia, o que há de Belo, de Interessante, de Bom: e prometo-vos que nunca conhecereis essa coisa feia e triste que é... o aborrecimento!

CHARADAS

Este utensilio de jardim — 1
Estará numa loja de peles?
Não senhora, estás enganado,
Pois a loja é de papéis!

No oceano, sob os céus — 1.
Andava.
A Virgem, Mãe de Deus!

(Ver soluções na última página)

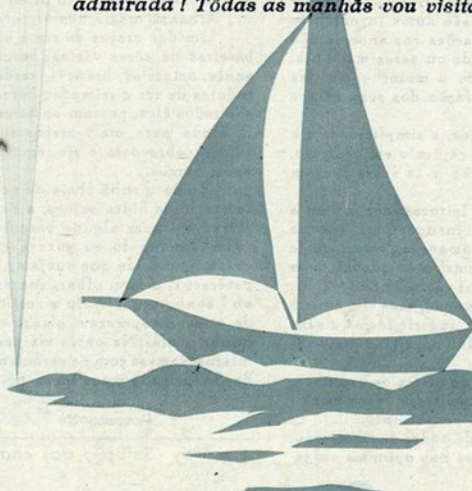



Foto: BELEZA — Numa Colónia de Férias da M. P. F.: À chegada do Boletim

LIVROS

Olhando para a minha estante de livros não vejo nela obras de Rousseau, Victor Hugo ou Corneille; não encontro também Tolstoi, Dante ou Shakespeare; mas, entre os meus livros de estudo, conservo religiosamente, como relíquia muito nossa, puramente nacional, algumas produções literárias de Herculano, Garrett, Camilo, Eça de Queiroz e Júlio Diniz, cuja leitura me tem sido muito proveitosa.

Nas horas de repouso, depois de vencidas as dificuldades do estudo, são os livros os nossos melhores companheiros, porque nos ajudam a interpretar o que vemos, e o que experimentamos, contribuindo para a formação dum espírito de valor, dum espírito vigorosamente temperado, enérgico e activo, enriquecendo a inteligência de vastas e fecundas ideias gerais.

A companhia das pessoas é dispensada, com grande vantagem, pela companhia dos livros, pois neles encontramos os sábios que nos instruem com a sua sabedoria; os mestres que nos ensinam as verdades que levaram séculos a descobrir; os matemáticos que nos demonstram a eloquência dos números; os épicos que narram as grandes glórias imortais e os líricos que nos cantam as melopeias do amor.

Nunca a presença dos livros nos é fastidiosa; não são importunos e respondem sempre, amàvelmente, a tôdas as nossas preguntas.

Dizia Montaigne, que os livros o recebiam sempre com o rosto alegre...

Feliz daquele que sabe juntar bons livros ao pequeno número dos seus amigos, e que muitas vezes se retira da buliçosa agitação do mundo e goza o pacífico e proveitoso tempo de uma boa hora de leitura.

Este prazer não depende dos outros; é um prazer inefável, sempre à nossa disposição.

E' absolutamente necessário, porém, escolher bons livros, sobretudo no que respeita a romances, que, em muitos casos, são duma incoerência e dum contrasenso indiscutíveis, em que as situações romanescas são exageradas, falsas, e até destituídas de tôda a verdade ou verosimilhança.

São êstes romances, justamente, que agradam à maior parte das pessoas incultas que procuram nos livros a satisfação dos seus baixos instintos: o que há de pior, mais lhes apraz.

Os autores dêsses livros sacrificam a realidade, a simplicidade e a graça, para obterem um crescente de interêsse de capítulo em capítulo.

Assim sobreexcitam violentamente a imaginação, e às vezes chegam a desconcertá-la.

Muitas raparigas, sobretudo, ao saírem destas leituras, encontram a vida ordinária, sensaborona, banal, e até mesmo insuportável, porque pensavam encontrar nela a cópia exacta daqueles romances fantasiosos e quiméricos; e então lastimam amargamente as suas infelicidades, pois nem têm coragem para encarar a vida tal qual se lhes apresenta.

Não é pois essa espécie de leitura que se recomenda, mas sim aquela que nos obriga a meditar e a sentir, aquela que faz sugerir ideias e sentimentos nobres, e que alimenta o espírito, dando-lhe uma vida mais intensa, mais penetrante.

Assim como ao colher rosas, temos o cuidado de evitar os espinhos, colhendo dos livros o que neles há de bom e de proveitoso, devemos evitar e repelir o que neles há de nocivo para o nosso pensamento.

Pela leitura de bons livros, atinge-se um grande poder de libertação.

Assim, enquanto a gente que não lê, está presa nas opiniões vulgares, nos pensamentos limitados, na rotina do encolher de ombros improgressivo, e nos motivos da acção do vulgo, aquele que lê e que ama o estudo, procurando todos os «porquês», deixa de rastejar para voar mais alto, à região das ideias superiores e dos sentimentos universais.

Pela leitura podemos até fazer grandes viagens, conhecer países longínquos, que não teríamos oportunidade de vêr com os nossos próprios olhos.

A leitura deve constituir um trabalho de actividade pessoal. Devemos ler bem para pensar melhor, para aperfeiçoar o nosso espírito e não para sobrecarregar a memória. O que apenas ficar depositado na memória, não será mais do que um saber aparente, que mais cêdo ou mais tarde, o esquecimento arrebatará.

Sucede com as nossas aquisições intelectuais o mesmo que sucede com os nossos alimentos: essas aquisições só são nossas depois de as termos digerido, assimilado e convertido em sangue e músculos do nosso espírito.

Tôda a obra fecunda é filha de longos e sucessivos esforços, acumulados com paciência, sobretudo quando se trata da cultura intelectual.

Assim também a leitura de bons livros, para ser proveitosa, exige esforços activos de compreensão e activos esforços também para transformar em pensamentos nossos os pensamentos dos outros, aceitando-os ou recusando-os conforme a nossa experiência pessoal. Li há tempos uns conselhos sôbre a maneira de fazer a leitura, e como concordei com êles e os achei interessantes, vou reproduzi-los antes de terminar: Resumiam-se mais ou menos nisto:

— Devemos ler primeiro um pouco depressa, para nos assenhorearmos da ordem e ligação das ideias, do lógico desenrolar do pensamento do autor; em seguida voltar ao princípio, tomar notas, e então ler estes repetidas vezes.

Nestas condições, devemos ler livros de valor, sòlidamente constituídos, que mereçam servirmo-nos dêles como incitadores dos nossos pensamentos.

Um bom livro é um precioso legado que o seu autor deixa à humanidade... Aristóteles sentia grande prazer ao vêr-se rodeado da multidão de seus livros.

Alexandre, ainda que a sua dominante paixão fôsse a da glória, nunca se deitava sem se entreter um pouco com a leitura de um livro e diz-se que dormia com os livros de Homero à cabeceira.

Catão de Útica trazia sempre algum livro consigo e na Assembleia do Senado, enquanto os senadores se reüniam, lia sempre para não perder seu tempo.

Plínio antigo, antes de se sentar à mesa, determinava o livro que se lhe devia estar lendo enquanto comia.

Eis pois várias provas como o amor dos livros tem sido constantemente a afeição favorita das grandes inteligências.

Maria Lucinda Fonseca Trindade
Filiada n.º 10911 — Centro n.º 1 — Ala 1 — *FARO*

Recordações de Férias

Ria de Aveiro! Que sensações sente o coração ao abeirar-se dela!
O nosso pequenino olhar alarga-se e propaga-se a tanta beleza!
Quanta magia nos oferece a Veneza Portuguesa?!

Um dos braços da ria é um completo lago de matiz, donde insurgem bateiras de côres várias; barcos pintados a branco com velas vermelhas, azues, amarelas, brancas, verdes; os barcos escuros e sombrios dos pescadores de tez queimada; barcos compridos à apanha de sargaço. A encruzar todos êles, passam os barcos de passageiros, vindos da margem oposta. E ainda para mais arrebatar o nosso espírito para as alturas de Deus, aviões sobrevoam o rio, emquanto que bandos de gaivotas se entremeam pelos barcos.

Numa manhã cheia de poesia, em que o movimento ainda não aparecera, dois hidro-aviões, a par, de mansinho, pousavam na ria e nela se recreavam com alguns barquinhos matinais e cobiçosos que lhes faziam roda. Emquanto eu gozava esta cêna, eis que êles me quebravam o encanto, à medida que subiam, subiam, subiam, até acabarem por desaparecer. E o meu olhar, contagiado, subia, subia, subia, até que parou. E oh! sonho cruel! veiu a realidade e os meus olhos desceram à terra. Mas de novo recuperaram alento com o lindo panorama que se desenrolara à minha vista. Na outra margem, casinhas alvaiadas pela luz crepuscular, misturavam-se com os verdejantes prados; mais ao longe, espreitava a mata de S. Jacinto; e aos meus pés, a ria murmurava canções de amor.

Natália Carvalho Castim
Vanguardista — Ala n.º 5 — Alto Douro e Trás-os-Montes — Centro 2

Solução das charadas: PAPELARIA — MARIA

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS